

**2020 International Congress:
“Improving living conditions for displaced people and the challenges of the Colombian transition”
Zoom**

Nov. 19 (Thursday)	
8:00 a.m.	Introduction Marcela Gutiérrez Quevedo, Chairholder of the Unesco Chair on “Human Rights and violence: public policies and governance” (<i>Externado de Colombia University</i>)
8:00 – 10:00 a.m.	International Panel Moderator: Marcela Olarte (<i>Externado de Colombia University</i>) ➤ Violence, human mimesis and memory policies. The impossibility to forget Castor M. M. Bartolomé Ruiz, <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos</i> ➤ The ideological war of Bolsonaro in Brazil Giuseppe Tosi, <i>Universidade Federal da Paraíba</i> ➤ The misadventures of the transitional justice and the historical memory of the military dictatorship in Brazil. Dismantlement, suppression, denialism and apology under Bolsonaro’s government José María Gómez, <i>Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro</i> ➤ Post-transitional justice in Spain. Analysis of the situation of the Francoism victims’ rights to truth, justice, reparation and non-repetition Javier Dorado, <i>Universidad Carlos III de Madrid</i>

A GUERRA IDEOLÓGICA DO BOLSONARISMO NO BRASIL

Giuseppe Tosi

Queria antes de tudo agradecer a Marcela Gutierrez Y aos organizadores do Congresso pelo convite queria também manifestar minha satisfação de compartilhar esta mesa com os amigos e colegas da LA CÁTEDRA UNESCO DE DIREITOS HUMANOS E VIOLÊNCIA GOVERNO E GOVERNANÇA

O tema que vou abordar hoje é a guerra ideológica lançada pela extrema direita brasileira (e mundial), que tem como seu representante no Brasil o governo do presidente Jair Bolsonaro.

Bolsonaro, desde a sua posse, não lançou um plano de governo, mas uma “guerra ideológica e cultural” cujo alvo principal é a esquerda, para combater a “ideologia de gênero”, o “marxismo cultural”, o “gramscismo”, o pensamento de Paulo Freire e o comunismo; que no contexto atual do debate ideológico brasileiro, é um conceito vago e

indefinido que remete ao inimigo histórico dos tempos da ditadura militar e da guerra fria, em um contexto totalmente diferente e que serve para condenar e demonizar qualquer coisa que possa se assemelhar a um pensamento de esquerda, que ameace os “valores tradicionais”: Deus, a pátria, família e a propriedade.

A estratégia de Bolsonaro é clara: governar unicamente para os grupos sociais e econômicos que o apoiam, e lutar contra os inimigos internos e externos ao governo, reais ou imaginários que sejam. Para tanto precisa manter viva a tensão com os “inimigos” para manter o apoio incondicional do “seu povo”.

Mas em que consiste esta guerra ideológica e qual é a sua consistência teórica? Aparentemente nenhuma! O bolsonarismo não possui um discurso consistente, que possa ser considerado uma doutrina política sustentável; não possui intelectuais de peso, e os poucos que o apoiam mostram uma pobreza teórica impressionante; não está presente se não marginalmente no ambiente acadêmico, por causa do seu discurso obscurantista e anti-iluminista e ao fundamentalismo religioso antilaicista; não tem respaldo no meio cultural e artístico: as tentativas de criar uma cultura patriótica inspiradas no nazismo e no fascismo são patéticas.

Se trata de uma ideologia pré-moderna, regressiva. O governo está mais preocupado em destruir do que construir algo: é contra os direitos humanos, contra o meio ambiente, contra a saúde pública, contra as mulheres, os negros, os indígenas....e obviamente contra o comunismo!

Aparentemente seria uma ideologia inconsistente e efêmera.

Por outro lado, se utilizamos as categorias de Gramsci podemos ficar mais preocupados: porque o bolsonarismo, possui uma ideologia ainda que tosca; possui intelectuais no sentido amplo, orgânicos ao seu projeto político, embora de uma pobreza e penúria teórica impressionante; tem um referente político embora não seja propriamente um partido, mas um líder populista; tem uma visão de mundo e um conjunto de interesses materiais, que o apoiam, e tem como principal objetivo disputar a hegemonia ideológica com as forças progressistas.

São todos elementos que, usando Gramsci, confluem na construção de um bloco histórico que disputa a hegemonia e consenso. Com efeito o bolsonarismo parece mais uma caricatura de um bloco histórico, pela fragilidade dos seus elementos, parece um fenômeno efêmero e inconsistente. Esperamos que assim seja, mas pode mostrar uma vitalidade maior, porque em política e no exercício do poder o que conta é a capacidade de um sujeito político de promover, ao mesmo tempo, consenso e dominação, juntar consentimento e força/violência.

E isso me parece o aspecto mais perigoso do bolsonarismo que, além de possuir a força legítima do Estado, através das forças armadas, das polícias, tem o apoio de grupos paramilitares armados, as milícias, e consegue manter um núcleo ideológico bastante forte que lhe garante o consenso, através do uso sem escrúpulos das redes sociais, do doutrinação do fundamentalismo religioso, das fake News etc.

Dois fenômenos preocupam mais: a militarização do governo e as milícias paramilitares.

Há uma evidente militarização do governo, com milhares de militares fora de suas função e formação que pretende impor uma militarização da sociedade. Os colégios militares estão sendo propostos como modelos para a educação básica, e o projeto “Escola sem Partido”, – que quer combater a “ideologia de gênero”, o “marxismo cultural”, o “gramscismo”, o pensamento de Paulo Freire e tudo o que tenha a que ver com a esquerda ou a oposição ao governo – está sendo proposto para todos os níveis de ensino. Em nome

2020 International Congress:
“Improving living conditions for displaced people and the challenges of the Colombian transition”
Zoom

do combate ao “comunismo”, está havendo uma tentativa de controle ideológico sobre os estudantes e professores de esquerda, patrocinado pelo Ministro da Educação.

A outra face da militarização é ainda mais sombria e mais perversa: se trata das *milicias*, os corpos paramilitares, tão próximos da família do Presidente, que exercem o controle de parte do território, com vínculos políticos e econômicos e o apoio dos setores mais radicais da extrema direita...e que possuem muitas armas!

Que não será fácil remover este entulho autoritário, que veio para ficar.

Este é o desafio que o bolsonarismo representa, com o sem Bolsonaro: a criação de um bloco histórico que disputa a hegemonia ideológica, que sempre existiu, mas que estava acuado nos governos da esquerda e que veio a tona e que não volta mais para a obscuridade em que vivia, mas mostra a sua cara... deixando uma democracia tutelada e ameaçada ... não uma alternância de governo, mas uma mudança de regime...

Não vamos deixar que isso aconteça!

Obrigado